

Raul Brandão

# Memórias

Três Volumes Reunidos

# Memórias

VOLUME I

Aos mortos

## Prefácio



JANEIRO DE 1918

SE TIVESSE DE RECOMEÇAR A VIDA, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habituo: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei a vida. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura duma pedra. Não sei — nem me importo — se creio na imortalidade da alma, mas do fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espetáculo desabalado da vida. Isso me basta. Isso me enche: levo-o para a cova, para remoer durante séculos e séculos, até ao juízo final. Nunca fui homem de ação e ainda bem para mim: tive mais horas perdidas... Fugi sempre dos fantasmas agitados, que me metem medo. Os homens que mais me interessaram na existência foram outros: foram, por exemplo, D. João da Câmara, poeta e santo, Correia de Oliveira, um chapéu alto e nervos, nascido para cantar, Columbano e a sua arte exclusiva, e alguns desgraçados que mal sabiam exprimir-se. Conheci muitos ignorados e felizes. Meio doidos e atónitos. O Nápoles ainda hoje dorme sobre a mesma rima de jornais?... Outro andava roto e dava tudo aos pobres. O homem é tanto melhor quanto maior quinhão de sonho lhe coube em sorte. De dor também.

A que se reduz afinal a vida? A um momento de ternura e mais nada... De tudo o que se passou comigo só conservo a memória intacta de dois ou três rápidos minutos. Esses sim! Teimam, reluzem lá no fundo e inebriam-me, como um pouco de água fria embacia o copo. Só de pequeno retenho impressões tão nítidas como na primeira hora: ouço hoje como ontem meu pai quando chegava a casa; vejo sempre diante dos meus olhos a mancha azul-ferrete das hidrângeas que enchiam o canteiro da parede. O resto esvai-se como fumo. Até as figuras dos mortos, por mais esforços que eu faça, cada vez se afastam mais de mim... Algumas sensações, ternura, cor, e pouco mais. Tinta. Pequenas coisas frívolas, o calor do ninho, e sempre dois traços na retina, o cabedelo de oiro, a outra banda verde... Passou depois por mim o tropel da vida e da morte, assisti a muitos factos históricos, e essas impressões vão-se desvanecidas. Ao contrário este facto trivial hoje o recordeo com a mesma vibração: a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no inverno em que secou. O resto usa-se hora a hora e todos os dias se apaga. Todos os dias morre.

Lá está a velha casa abandonada, e as árvores que minha mãe, por sua mão, dispôs: a bica deita a mesma água indiferente, o mesmo barco arcaico sobe o rio, guiado à espada pelo mesmo homem do Douro, de pé sobre a gaiola de pinheiro. Só os mortos não voltam. Dava tudo no mundo para os tornar a ver, e não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar.

Esta Foz de há cinquenta anos, adormecida e doirada, a Cantareira, no alto o Monte, depois o farol e sempre ao largo o mar diáfano ou colérico, foi o quadro da minha vida. Aqui ao lado morou a minha avó; no armário, metido na parede como um beliche, dormiu em pequeno o meu avô, que desapareceu um dia no mar com toda a tripulação do seu brigue, e nunca mais houve notícias dele. Lembro-me da avó e da tia Iria, de saia de riscas azuis, sentadas no estrado da sala da frente, e possuo ainda o volume desirmanado do *Judeu* que elas liam, com o *Feliz Independente do mundo e da fortuna e as Recreações filosóficas* do padre

Theodoro de Almeida. Ouço, desde que me conheço, sair do negrume, alta noite, a voz do moço chamando os homens da campanha: — Ó sê Manuel, cá pra baixo prò mar! — Vi envelhecer todos estes pescadores, o Bilé, o Mandum, o Manuel Arrais, que me levou pela primeira vez, na nossa lancha, ao largo. Há que tempos! — e foi ontem... A quarenta braças lança-se o ancorete. Na noite cerrada uma luzinha à proa; do mar profundo — chape que chape — só me separa o cavername. Deito-me com os homens sob a vela estendida. Primeiro livor da manhã, e não distingo a luz do dia do pó verde do ar. Nasce da água, mistura-se na água, com reflexos baços, a claridade salgada que palpita no ar vivo que respiro, no oceano imenso que me envolve — Iça! Iça! — e as redes sobem pela polé, cheias de algas e de peixe, que se debate no fundo da catraia. Voltamos. Já avisto, à vela panda, o farolim, depois Carreiros; um ponto branco, além no areal, é o Senhor da Pedra, e a terra toda, roxa e diáfana, emerge enfim, como uma aparição, do fundo do mar. A onda quebra. Eis a barra. Agora o leme firme!... As mulheres, de perna nua, acodem à praia para lavar as redes, e o velho piloto-mor, de barba branca, sentado à porta da Pensão, fuma inalterável o seu cachimbo de barro. O azul do mar, desfeito em poalha, mistura-se ao oiro que o céu derrete. Mais barcos vão aparecendo, vela a vela: o *Vai com Deus, a Senhora da Ajuda, Deus te guarde*, e os homens, de pé, com o barrete na mão, cantam o *bendito*, tanta foi a pesca. — Quantas dúzias? — Um cento! Dois centos! — Nas linguetas de pedra salta a pescada de lista preta no lombo, a raia viscosa, o ruivo de dorso vermelho, ou, no inverno, a sardinha que os batéis carregiam do mar inesgotável, estivando de prata todo o cais. Às vezes o peixe miúdo e vivo é tanto, que não bastam os almocreves com os seus burros canastreiros, as varinas com os seus gigos, nem as mulheres de saia ensacada e perna à mostra, para o levarem, apregoando-o, por essa terra dentro. Dá-se a quem o quer, faz-se o quinhão dos pobres. Em setembro são as marés vivas. Mais tarde cresce do mar um negrume. Acastelam-se as nuvens no poente, e forma-se para o sul uma parede compacta que tem

léguas de espessura. A voz é outra, clamorosa, e, à primeira lufada, bandos de gaivotas grasnam pela costa fora, anunciando o inverno que vem próximo. O quadro muda, e os homens morrem à boca da barra, na Pedra do Cão, agarrados aos remos, sacudidos no torvelinho da ressaca, o velho arrais, de pé, as duas mãos crispadas no leme, cuspidando injúrias, para lhes dar ânimo, e todo o mulherio da Póvoa, de Matosinhos, da Afurada — vento sul, camaroeiro içado — com as saias pela cabeça, salpicadas de espuma e molhadas de lágrimas: — Ai o meu rico homem! O meu filho que o não torno a ver! — E chamam por Deus, ou insultam o mar, que, inverno a inverno, lhos leva todos para o fundo.

O que sei de belo, de grande ou de útil, aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor e do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois não aprendi coisa que valha. Confusão, balbúrdia e mais nada. Vacuidade e mais nada. Figuras equívocas, ou, com raras exceções, sentimentos baços. Amargar e mais nada. Nunca mais. Nunca Londres ou a floresta americana me incutiram mistério que valesse o dos quatro palmos do meu quintal. Nunca caça às feras no canavial indiano foi mais fértil em emoção e aventura que a armadilha aos pássaros na poça do Monte, com o Manuel Barbeiro. Uma nora, dois choupos, a água empapada, e, entre as ervas gordas como bichos, pegadas de bois cheias de tinta azul, refletindo o céu implacável de agosto. Os pássaros com as asas abertas desconfiam e hesitam: a sede aperta-os, o sol escalda-os. Mal pousam na armadilha agarram-los com ferocidade. Chiu!... Uma andorinha descreve lá no alto um círculo perfeito, e vem, no voo desferido, arrepiar com o bico a água estagnada. Toca numa palheira de visco — é nossa! Já tiveste nas mãos uma andorinha? É penas e vida frenética. E essa vida pertence-te!... Só ao fim da tarde regressava a casa com os bolsos cheios de rãs e os olhos deslumbrados. Nenhuma figura torva, nem o Anticristo, me comunicou terror semelhante ao do inofensivo Manco da esquina, que escondia de manhã a barba que lhe chegava ao umbigo, entre o peito e a camisa, para a sacar de noite, quando saía à estrada... Sou capaz de te dizer qual o tom róseo de certos dias, quando o pessegueiro bravo encostado



ao muro floresce. O murmúrio da minha bica não me sai dos ouvidos até à hora da morte. Quase todos os meus amigos — o Nel, que não tornei a ver... — são dessa época. Doutras impressões mais tardias não restarão vestígios, mas tenho sempre presentes os mesmos pinheiros mansos — que já não existem — acenando para a barra, e alta noite acordo ouvindo o rebramir do mar longínquo. Nos dias de desgraça é sempre a mesma voz que chama por mim... Olha, olha ainda e extasia-te: o rio parece um lago, e um bando de gaivotas desfolhadas alastra sobre a tinta azul, com laivos esquecidos do poente. Boia espuma na água viva que a maré traz da barra... E não há cheiro a flores que se compare a este cheiro do mar.

#### AGOSTO DE 1910

Aos 23 do mês passado morreu meu pai, amachucado, exausto e pobre. Encontrão de um, repelão de outro, assim foi até à cova. Tinha 67 anos incompletos. Não podia mais. Encontraram-lhe alguns cobres no bolso. Há muitos anos que se arrastava, e só tinha de seu uma alegria e um repouso: os domingos. Aos domingos metia-se no quarto, calçava uns chinelos, e toda a tarde chorava lágrimas sem fim sobre um velho romance de Camilo. Minha mãe pouco mais durou, com um olhar de pasmo. Lá ficou a casa abandonada...

Sobe a lua no céu, e a sombra no monte. Seis árvores, quatro paredes — tudo aqui me enche de saudades. A bica continua a correr, mas outras sedes se apagarão naquela água. Outros virão também sentar-se no banco de pedra... Só me resta a tua mão querida, que a meu lado segura a minha mão. Os mortos chamam por nós cada vez mais alto... Olho para ti e os teus primeiros cabelos brancos fazem-me chorar.

#### SETEMBRO DE 1910

Hoje acordei com este grito: eu não soube fazer uso da vida!

O que me pesa é a inutilidade da vida. Agarro-me a um sonho; desfaz-se-me nas mãos; agarro-me a uma mentira e sempre a mesma voz me repete: — É inútil! É inútil!

A aquiescência, o sorriso: — pois sim... pois sim... — a necessidade de transigir, o preceito, a lei, fizeram de mim este ser inútil, que não sabe viver e que já agora não pode viver. Não grito de desespero porque nem de desespero sou capaz.

A vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos — e não cremos ainda. O passado desapareceu, de futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós, sem teto, entre ruínas, à espera...

Não entendo nada da vida. Cada dia que avança entendo menos da vida. Contudo há horas, as horas perdidas — e só essas — que queria tornar a viver e a perder.

Deus, a vida, os grandes problemas, não são os filósofos que os resolvem, são os pobres vivendo. O resto é engenho e mais nada. As coisas belas reduzem-se a meia dúzia: o teto que me cobre, o lume que me aquece, o pão que como, a estopa e a luz.

Detesto a ação. A ação mete-me medo. De dia podo as minhas árvores, à noite sonho. Sinto Deus — toco-o. Deus é muito mais simples do que imaginas. Rodeia-me — não o sei explicar. Terra, mortos, uma poeira de mortos que se ergue em tempestades, e esta mão que me prende e sustenta e que tanta força tem...

Como em ti, há em mim várias camadas de mortos não sei até que profundidade. Às vezes convoco-os, outras são eles, com a voz tão sumida que mal a distingo, que desatam a falar. Preciso da noite eterna: só num silêncio mais profundo ainda, conto ouvi-los a todos.

Nunca os meus me chamaram tão alto. Sentam-se a meu lado. Rodeiam-me, e pouco a pouco o círculo da minha vida restringe-se a um ponto — a cova.

Teimo: há uma ação interior, a dos mortos, há uma ação exterior, a da alma. A inteligência é exterior e universal e faz-nos vibrar a todos duma maneira diferente. Destas duas ações resulta o conflito trágico da vida. O homem agita-se, debate-se, declama, imaginando que constrói e se impõe — mas é impelido pela alma universal, na meia dúzia de coisas essenciais à Vida, ou obedece apenas ao impulso incessante dos mortos.

A minha alegria em velho consistiria em ter aqui meu pai para falar com ele. Não é só saudade que sinto: é uma impressão física. Agora é que acharia encanto até às lágrimas em termos a mesma idade, conversarmos ao pé do lume e morrermos ao mesmo tempo...

FEVEREIRO DE 1910

Isso que aí fica não são memórias alinhadas. Não têm essa pretensão. São notas, conversas colhidas a esmo, dois traços sobre um acontecimento — e mais nada. Diante da fita que a meus olhos absortos se desenrolou, interessou-me a cor, um aspeto, uma linha, um quadro, uma figura, e fixei-os logo no canhenho que sempre me acompanha. Sou um mero espectador da vida, que não tenta explicá-la. Não afirmo nem nego. Há muito que fujo de julgar os homens, e, a cada hora que passa, a vida me parece ou muito complicada e misteriosa ou muito simples e profunda. Não aprendo até morrer — desaprendo até morrer. Não sei nada, não sei nada, e saio deste mundo com a convicção de que não é a razão nem a verdade que nos guiam: só a paixão e a quimera nos levam a resoluções definitivas. O papel dos doidos é de primeira importância neste triste planeta, embora depois os outros tentem corrigi-lo e canalizá-lo... Também entendo que é

tão difícil asseverar a exatidão de um facto como julgar um homem com justiça. Todos os dias mudamos de opinião, todos os dias somos empurrados para léguas de distância por uma coisa frenética, que nos leva não sei para onde. Sucede sempre que, passados meses sobre o que escrevo — eu próprio duvido e hesito. Sinto que não me pertença... É por isso que não condeno nem explico nada, e fujo até de descer dentro de mim próprio, para não reconhecer com espanto que sou absurdo — para não ter de discriminar até que ponto creio ou não creio, e de verificar o que me pertence e o que pertence aos mortos. De resto, isto de ter opiniões não é fácil. Sempre que me dei a esse luxo, fui forçado a reconhecer que eram falsas ou erróneas. Sou talvez uma árvore que cresce à sua vontade, perna para aqui, perna para acolá, à chuva e ao vento. Não admito poda. Perco horas com inutilidades, e passo alheado e frio diante do que os outros contemplam extasiados. Admiro, por exemplo, muito mais, perdõem-me, a vida ignorada do meu vizinho, o senhor Crasto, que morreu de oitenta anos, curvado, a lavrar a terra, do que a do senhor Hintze Ribeiro, que considero inútil e destituída de toda a beleza.

Por isso, repito, muitas folhas destes canhenhos serão mal interpretadas, talvez alguns tipos falsos. Só vemos máscaras, só lidamos com fantasmas, e ninguém, por mais que queira, se livra de paixões. No que o leitor deve acreditar é na sinceridade com que na ocasião as escrevi. Poderão objetar-me: — Então com que destino publico tantas páginas desalinhadas, de que eu próprio sou o primeiro a duvidar? É que elas ajudam a reconstituir a atmosfera duma época; são, como dizia um grande espírito, o lixo da história. Ensinam e elucidam. Foi sempre com a legenda que se construiu a vida. Sei perfeitamente que a história viva tanto se faz com a verdade como com a mentira — se não se faz mais com a mentira do que com a verdade. Para gerar um acontecimento é preciso criar-lhe primeiro a atmosfera propícia. «Alguas palavras sob caricaturas grosseiras dispersas pelos campos formaram uma lenda na imaginação popular, concernente ao rei,

à rainha, ao conde de Artois, a madame Lamballe, ao pacto da fome, *aos vampiros que sugam o sangue do povo*, etc. Dessa lenda, que ele acha útil, saiu a grande revolução» — diz um historiador. A gente nunca sabe ao certo se da infâmia poderão nascer coisas belas... A mentira, o boato, o que se diz ao ouvido, o que se deturpa, e que tanta força tem, a meada de ódio, de ambição e de interesses, que não cabe na história com H grande, tem o seu lugar num livro como este de memórias despreziosas. Eis uma razão. Tenho outra ainda: torno a ver e a ouvir alguns mortos. Recordo, o que é necessário a quem cada vez mais se isola com o seu sonho e as suas árvores. Isto aquece quase tanto os primeiros anos da minha velhice, como o lume que arde até junho na lareira desta casa<sup>1</sup>.

Cantareira, Foz do Douro — 1918.

---

<sup>1</sup> Estas Memórias devem formar quatro volumes: — 2.º vol. — Os bastidores da monarquia: Vida literária. Teatro por dentro; 3.º vol. — A República. O comércio e a finança. Jornais e jornalistas; 4.º vol. — A República e os seus homens. Vida militar.

## Algumas figuras

JANEIRO DE 1900

URBANO DE CASTRO, COM UM OLHO TORTO e um chapelinho afadistado, na aparência reservado e sardónico, sai-se encantador na intimidade. Os seus amigos adoram-no, o Câmara, o Schwalbach, a antiga roda do *Correio da Manhã*. Trouxe para o jornalismo uma grande leitura de clássicos — conhece muito a língua — e uma forma irónica e precisa: em meia dúzia de linhas incisivas deixa o adversário a sangrar. Os políticos temem-no tanto, que uma das condições impostas pelo José Luciano, quando do pacto com o Hintze, foi que o Urbano terminasse na *Tarde* com o *Es-pírito de S. Ex.<sup>a</sup>*.

Eis algumas máximas de Urbano de Castro:

— A paciência é uma virtude de capote e lenço.

— Quanto mais leve é a cabeça da mulher, mais pesada é a do marido.

— Os homens públicos são como os papéis de crédito — o que hoje tem uma alta cotação, amanhã não vale, e inversamente.

— Quando tiveres muitos argumentos, não empregues senão os melhores. Quando não tiveres nenhum, emprega todos.

— A paternidade é, muitas vezes, um rótulo. A garrafa é a mesma; mas o vinho é outro.

— Viúva rica, com um olho dobra, com outro repica.

— No coração mora-me Deus, no fígado o diabo.

— Mortal é o contrário de imortal. Imortal é o que é sempre.

Logo, mortal — é o que não é nunca.

— Teologia — a arte de fazer compreender aos outros aquilo que nós não entendemos.

— De todas as armas, a mais difícil de manejar é o pau... de dois bicos.

— Jornalista — fabricante da opinião pública. Cada um afirma que a única genuína é a da sua lavra.

— Se os homens de mais juízo pensarem a sério em muitos dos seus atos hão de reconhecer que não têm juízo nenhum.

— O suicida tem para mim um lado simpático — não se julga insubstituível.

JUNHO DE 1903

Deparo hoje com o Garrido, redondinho, baixo, de bigode grisalho e um ventre de proprietário. Nunca se altera nem perde a paciência. Jovial? Não, triste e falando sempre baixinho. Tem ganhado fortunas, tem dissipado fortunas com o mesmo ar inalterável. Houve ocasiões em que todos os teatros do Rio representaram peças com o seu nome. Está cheio de dívidas. É o seu ideal, o ideal desta existência de acaso, com aflições de morte, ou dispersa pelo Brasil entre dois números de opereta — pan! pan! pan! — e dinheiro atirado a rodos, é um casebre no campo, duas árvores num retalho de horta viçosa e uma nora pingue que pingue no fundo do quintal. Paz. E não escrever uma linha.

Um agiota não o larga. É este velhinho paternal, de cabelos brancos, que faz recados, deita as cartas ao correio e leva coiro e cabelo. Parece inofensivo. Começou a vida por criado de servir e esfolou os patrões. Afirma que o Garrido é capaz de arrancar dinheiro a um morto:

— Este senhor Garrido dá-me cada aflição! Até me faz criar caspa!

FEVEREIRO DE 1900

A paixão deste homem é não ter um livro de jeito. G... só escreveu três folhetos, e por aí ficou o seu talento. Espremido não deu

mais. É no entanto uma figura epigramática e nítida de conversador e um tipo curioso de boémio lisboeta. Dormiu nas escadas dos prédios, pertenceu ao grupo que o Fialho arrastava pelas ruas até antemanhã, dispersando com ele o oiro da sua esplêndida fantasia. Para essa meia dúzia de boémios improvisou o grande escritor as suas melhores sátiras. Uma noite, no café, G... aludiu à sua obra, e logo do lado o Fialho acudiu:

— A tua obra, bem sei... Vinte e cinco cartas a vinte e cinco amigos pedindo vinte e cinco tostões emprestados.

G... embezerrou. Mas passados minutos aproveitou uma pausa no diálogo, para perguntar com indiferença ao Fialho, que tinha há pouco casado rico com uma prima, que gastou a vida a esperá-lo no fundo da província:

— Ó Fialho, fazes favor de me dizer que horas são... no relógio do teu sogro?

#### FEVEREIRO DE 1903

Vejo sempre diante de mim o D. João da Câmara, já cansado e asmático, olhando por cima das lunetas, e falando baixinho com receio, uma modéstia no dizer, e um medo de magoar... A barba espessa, a grenha espessa e um chapelinho posto ao lado completam a figura um pouco mole. É quase um santo. Joga e jejua. Dá tudo o que tem. Exploram-no.

— O que me perdeu na vida foi não ter energia. Nunca me decido. — É mais baixo: — Isto vem talvez dos jesuítas que me educaram. Tive alguns condiscípulos que são homens notáveis e ninguém dá por eles.

Vive de noite, com uns e outros, ao acaso, nos bastidores dos teatros, ou encantado com uma ceiazinha na taberna, que descobriu no Arco da Bandeira. Se encontra o Pinturas está perdido: não se largam mais. Vai sempre para casa de manhã, e a sua vida é tão aflitiva que desejaria, como o Schwalbach, que o metessem algum tempo no Limoeiro, para não pensar no dia seguinte.



Ontem contou-me isto que é encantador:

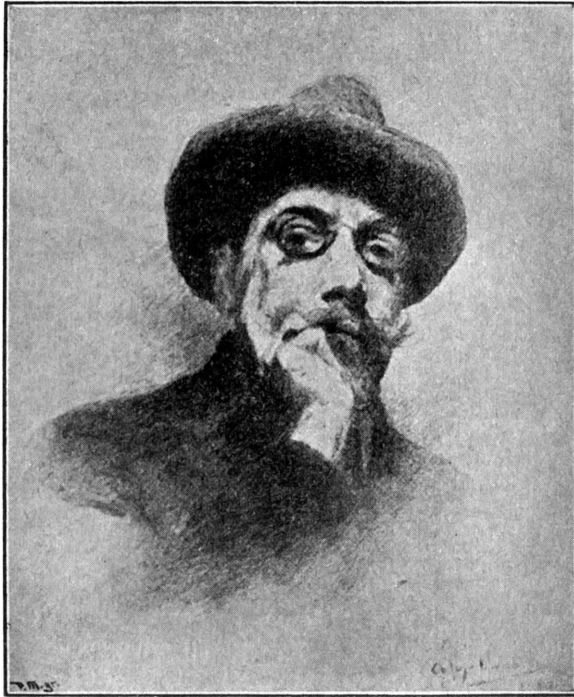
— Não me importava nada de ter catorze filhos em vez de sete. São muito meus amigos. O Vicente nunca sai de casa sem me dar um beijo. Eu estou sempre a dormir... Esta manhã estava acordado, mas fingi que dormia, quando aquele rapagão me entrou no quarto, pé ante pé, para não me acordar, e beijou-me...

E fica extático.

Às vezes fala-me das peças que há de fazer, do *Sermão da Montanha* e de outra com tipos de sonhadores, que se alimentam de mentira e de um passado que nunca existiu, forjado ponto por ponto. Assobia-se, por exemplo, um trecho de ópera, e logo este atalha: — Bem sei, é da *Dinorah!*... Tempos que já lá vão! O que eu vivi com fulano e sicrano, e as ceias que demos juntos! — Tudo ilusão! Tudo sonho! Vai-se a ver nem sequer conheceram as pessoas de quem falam... Outras vezes conta-me a sua vida:

— O que eu tenho sofrido! Tive muitos dias de angústia... Nessa noite *O Pântano* caíra. Toda a gente dizia mal de mim. Nos bastidores a intriga fervia com a Lucinda à frente. Saí do teatro a pensar no que havia de empenhar no dia seguinte. Fui para casa muito tarde. — Não haveria que pôr no prego? — Por fim descobri uma casaca, e, ainda muito cedo, saí com o embrulho debaixo do braço, num papel de jornal. O papel amolecia, a casaca rompia para fora, e eu batia de prego em prego. Sete horas da manhã... Estavam todos fechados. Num disseram-me com secura: — Não emprestamos sobre casacas. — Fui a outro e esperei no portal que abrisse. Lembro-me como se fosse hoje. Chovia a potes. Defronte, estava uma carroça, com um cavalo branco. Era um burro pele e osso, a cabeça metida numa linhagem, a comer. E eu no portal, com o embrulho já todo roto debaixo do braço, invejei aquele cavalo!...

Já não joga. Mas antigamente ia todos os dias para casa às cinco horas, tendo perdido tudo: — Foi nessas noites que imaginei as minhas melhores peças... — Cuidadosamente punha sempre de lado um tostão para o americano — e quase sempre sucedia também que um velho fidalgo, das suas relações, lhe pedia



*Columbano. — Autorretrato.*

o tostão emprestado para um cálice de vinho do Porto, que se habituara a beber aí pelas três da madrugada. O D. João dava-lho, e lá ia a pé para a Junqueira, a sonhar nas peças, sob a lufada, molhado até aos ossos, de casaco de alpaca.

JUNHO DE 1903

Passei a noite em casa do Columbano, com o Rafael Bordalo Pinho. Durante o jantar falou sempre. Todo ele mexe, todo ele é caricatura e imprevisito: os olhos, o nariz, as mãos e até o bigode que se encrespa, desenham e imitam. — Era um homem com um olho assim... — E logo o olho se lhe enviesa. Em rapaz o seu sonho era o teatro. Chegou a ter lições do Rosa pai. Está um pouco cansado. Queixa-se muito. Amua. — Ninguém faz caso de mim... — Estranha quando o não vão esperar à estação — e está sempre a chegar das Caldas e partir para as Caldas. Depois esquece-se e põe-se a rir. Depois torna: — Eu não jogo, mas lá em casa todas as noites jogam e pedem-me dinheiro emprestado. — Agora arremeda este e aquele de quem fala. Conta que em Paris ouviu o rei dizer: Isto aqui é uma terra, lá é uma piolheira. — E que o infante, quando lhe perguntaram: — Então em Londres, que tal, com aqueles príncipes todos? — Mal, mal... eu sou um príncipe asa de mosca...

E acaba — é nas vésperas do jantar que lhe vão oferecer no teatro D. Maria — por dizer: — Veja o senhor que desgraça a minha! Daqui a pouco não posso fazer a caricatura de ninguém!

Efetivamente lá estavam no banquete todos os homens imponentes, os conselheiros, os políticos decorativos, a série completa das figuras do *António Maria*. Não faltou ninguém à chamada. E nos camarotes aplaudiram-no com delírio as lisboetas pálidas de que troçou em tantas páginas de génio. Confundiram-no e arrasaram-no. Creio que foi a primeira vez que perdeu a linha.

Gostou sempre de fazer partidas. É o Schwalbach que conta:

— O imperador do Brasil logo que chegava ao teatro metia-se no camarote, descalçava as botas e calçava com regalo uns chinelos. Uma noite o Rafael, que estava no Rio, foi pé ante pé, meteu a mão pela cortina e roubou-lhe as botas. O pobre homem não se desconcertou: saiu em chinelos, atravessou em chinelos a multidão, saudando para a direita e para a esquerda, desceu o pátio, e meteu-se em chinelos na carruagem.

\*

Os seus últimos dias passou-os a suspirar por um bocadinho de sol. Doente, prostrado, todas as manhãs perguntava: — O sol?... Está sol? — E os dias seguiam-se cuspinhentos e sujos, daquela chuva que enegrece as almas e transforma as ruas de Lisboa em charcos de lama pegajosa. Outra manhã — e ele acordando da prostração: — O sol? Quero ver o sol... — Mais chuva, maior negrume ainda. Morreu num dia, e no outro dia, o do enterro, o sol resplandeceu sobre Lisboa, aquecendo-a e doirando-a.

DEZEMBRO DE 1900

Latino Coelho, contado por Maximiliano de Azevedo:

Tinha coisas absurdas: estava sentado a conversar e levantava-se sem mais nem menos, compunha a trunfa, e ia espreitar à janela. Era todo de enguiços. Nunca saía a passeio de dia. E que memória! Dizia-se-lhe qualquer banalidade, e ele, daí a meses, repetia-a palavra por palavra. Discursos que revelam o conhecimento inteiro duma época, como o de Camões, que leu na Academia, e que foi escrito das sete às onze da manhã, e lido ao meio-dia, compunha-os com extrema facilidade.

Duma vez estava ele em casa politicando com alguns amigos reformistas, o Mariano, o Lopo Vaz e não sei quem mais. Discutia-se a revolução de dezanove de maio. O Latino, dando um jeito à trunfa, chegou à janela e viu o carro, puxado a mulinhas, do Saldanha:

— Aí vem o duque... E aposto que vem para cá.

Efetivamente o carro parou à porta. Era o Saldanha. O Latino foi recebê-lo noutra sala, e depois dos cumprimentos habituais, o Saldanha perguntou-lhe:

— Sabe a que venho? Venho saber a sua opinião sobre o dia de ontem.

— Mas não tenho opinião nenhuma...

— Não se recuse, Latino. Peça-lho como amigo.

— Então, marechal, deixe-me dizer-lhe que quem como V. Ex.<sup>a</sup> conquistou um nome glorioso com a espada, não deve servir-se da canalha para fazer o que fez. A sua situação é deplorável.

— Não me diga isso! E se eu aproveitasse a situação para firmar de vez a liberdade em Portugal e salvar o país?

— Se V. Ex.<sup>a</sup> quisesse...

— Mas é que quero, e para isso venho ter consigo.

Combinaram que o Latino redigiria os decretos ampliando as liberdades públicas, tornando-as efetivas, e convocando constituintes com poderes amplísimos.

— O maior segredo... — recomendou o Latino.

Nessa noite não dormiu. Acompanhado dum amanuense do ministério, redigiu os decretos, que no dia seguinte o próprio Saldanha foi buscar, metendo-os dentro da pasta. Mas fosse que os amigos que lá estavam em casa tivessem desconfiado; fosse que o Saldanha desse à língua, o que é certo é que o rei foi prevenido a tempo por alguém que lhe disse:

— O Saldanha vai trazer-lhe uns decretos. V. Majestade não os assine ou está perdido.

Quando o Saldanha chegou ao Paço, o rei abraçou-o:

— Pois o duque ajudou a conquistar-me o trono e não quer que meus filhos reinem? Nem talvez eu chegue até ao fim da vida no poder...

Saldanha, que era um fraco, recuou. Daí a dias encontrou-se com o Latino, que lhe disse:

— V. Ex.<sup>a</sup> não podia deixar-me dormir a minha noite sossegado?

Por três vezes, conclui Maximiliano, o Latino me contou isto. Já tenho querido descobrir os decretos. Devem estar em casa do irmão, num quarto interior, onde a traça vai roendo os papéis do grande escritor...

\*

Um dia, o Saraiva de Carvalho foi propor a revolução ao Latino:

- Mas há de ser tudo assassinado — toda a família real.
- Isso não! — protestou logo o Latino.

\*

Morreu virgem, como Newton. No dia de sua morte, estava o cadáver na cama, apenas coberto com um lençol. Alguém disse para o Maximiliano:

— Bastaria arrancar aquele lençol para descobrirmos o segredo de toda a sua existência.

\*

Junqueiro dizia de Latino:

— Sim, é um homem admirável, que em lugar de c... tem duas castanhas piladas!

MAIO DE 1903

Um jornal publica hoje esta notícia:

PÓVOA DE LANHOSO, 29 — Faleceu, sepultando-se hoje, o Sr. Dr. Joaquim da Boa Morte Alves de Moura, da freguesia de Santo Emilião, bacharel formado em filosofia e matemática pela Universidade de Coimbra.

O povo apelidava-o de santo, pelas suas sublimes virtudes cristãs. Tinha 92 anos de idade; o falecido fora frade agostinho.

O homem a quem estas secas linhas se referem era na verdade um santo. Deixou tudo para viver, perto de S. Martinho do

Campo, entre cavadores e a gente pobre da terra, que o adorava. Vi-o muitas vezes passar na estrada, todo branco, minguado, com o burel, que nunca quis largar, no fio e os sapatos rotos. Era efetivamente formado em filosofia e direito, e até por vezes fora convidado para lente da Universidade de Coimbra. Recusou sempre, recusou tudo. Há entre as duas povoações, S. Bento e S. Martinho, que ficam à beira da estrada da Póvoa de Lanhoso, uma fonte que brota da raiz de uma árvore. Perto fica a ermida. Ali se costumava sentar, horas e horas embebido nas suas meditações. Em que cismava? Decerto no passado longínquo...

Lembram-se duma narrativa de Alexandre Herculano, que se chama, creio eu, «O último dia de convento»? Um frade chora ao deixar para sempre a cela caiada, onde passou a vida inteira. Assim D. Joaquim da Boa Morte contava também as últimas horas de convento. Velhinho, trémulo, vivendo de esmolas, recolhido por caridade em casa de duas mulheres, que o cuidavam, nunca esqueceu o convento, a cela, o dia de separação. E, ao pé da árvore, junto ao fio límpido de água, lhe ouvi mais duma vez contar o que sofrera.

— E dos seus companheiros lembra-se? Teve mais tarde notícias?

E ele, com os olhos rasos de lágrimas:

— Viveram ainda dispersos por esse mundo. Há anos, há muitos anos, recebi dum deles um recado, esta palavra: — «Adeus!» Foi o último!

Agora acompanhava-o sempre um rapazinho. Com a vida, ia-se-lhe desfeito o burel, rotos os sapatos. Deixara de dizer missa, mas o povo daqueles lugares, que é ingénio e crente, consultava-o nas suas doenças e nos seus sofrimentos. É que D. Joaquim fazia milagres. Escusam de sorrir... O milagre é uma comunicação entre pessoas que têm radicada e viva esta força enorme: — a fé. D. Joaquim da Boa Morte curava as criaturas simples, as mulheres, as crianças e os homens da serra — que o iam visitar, com boas palavras, e, quando muito, com alguns cachos de uvas, que ele próprio colhera e lhes distribuía, depois de benzidos.

Antes de morrer pediu que o enterrassem embrulhado na manta coçada que pertencera a sua mãe e que tinha guardado no fundo da arca. Essa velha manta, como eu lha invejo! Era num farrapo assim, como um resto de calor e de ternura, que eu queria ir aconchegado para a terra. Nem a eternidade das eternidades, nem o isolamento, nem o frio dos frios, conseguiriam jamais trespassá-la.

Que descanse em paz. Quem escreve estas linhas deve-lhe uma das maiores, mais elevadas e puras impressões que tem recebido na vida. A sua grande figura só desaparece da terra depois de ter feito muito bem e estancado muitas lágrimas.

JULHO DE 1903

O Silva Pinto a respeito do Cardia, que há três dias, em plena mocidade, meteu uma bala no coração: — Eu não faço como ele, não me vou embora, porque tenho duas crianças, o Mário e o Raul. Era decerto a isto que o Manuel se referia ao escrever: «Não faço falta a ninguém.» Isto atura-se lá a sangue-frio e determinadamente! Matava-me para me ver livre destes bandalhos!

E os olhos enchem-se-lhe de lágrimas, arrasta a perna apêgado à bengala, e sacode a cabeleira branca. Parece um trapo amolgado, mas resistente ainda: — Arre bandidos!

De repente, sem transição, põe-se a rir:

— Sabe de quem me rio? Lembrou-me o Camilo, que tinha uma língua viperina e dizia mal de toda a gente. Um dia em Seide falei-lhe neste e naquele, disse mal de todos. Por fim: — Sempre me refugio em Victor Hugo, para ver se você também diz mal dele...

E o mestre:

— Esse velho não era nada tolo!

Ri-se. Depois fica outra vez triste:

— Aquelas páginas de Hugo quando o avô vê entrar o neto ferido pela porta dentro!



\*

O Fialho descrevendo o Cardia, esse rapaz ingénuo, insinuante e espontâneo, que aos dezanove anos se lembra de estourar o coração com uma bala, por causa duma reles cantora de quarenta e dois anos — o Fialho diz:

— ... era isto e aquilo e uma mão enorme atirada prà aqui e prà acolá a toda a gente, apertando a nossa.

O que nunca mais me esquece são aqueles olhos tristes e a boca moça sempre a sorrir!...

FEVEREIRO DE 1904

Hoje almoço em casa do Schwalbach com o Bulhão Pato, o Câmara, João Chagas, António Bandeira, etc. O Bulhão Pato é um homenzinho seco e resistente, de cabeleira e pera branca — miniatura do alentado Pato caçador que todos nós imaginamos ao ler-lhe algumas páginas. Engelhou. Parte no dia 20 para S. Miguel, de passeio... Quando morrer desaparece com ele toda uma época: — Meu rapaz, podes ter lido todos os filósofos, que se não tiveres sentimento... Minha mulher, uma velhinha, lá fica... Não vai comigo, porque recolhemos em casa uma pequena pobre, pobríssima, e queremos-lhe como se fosse nossa filha. Sentámo-la à nossa mesa... Bem sei que há por aí uns moços que dizem mal de mim. Não me importo. Quando vejo um rapaz de talento abro-lhe logo os braços.

No fim do almoço, beija a mão às senhoras. Conviveu com o Herculano, ouviu-lhe dizer: — Isto dá vontade de morrer! «Que faria — acrescenta — se vivesse hoje!» — O Conservatório lembra-lhe o Palmeirim — «que foi da minha criação» — É simpático, vivo e cheira a outros tempos: conserva, como o linho guardado no fundo dum armário, o perfume da maçã. E que contraste com os outros, com o Chagas, com o Schwalbach, sempre aflito e sempre despreocupado, com o António Bandeira, que, sob uma aparência fútil, é prático como o diabo, e que conta que foi uma noite em Roma, com alguns portugueses, mulheres

e guitarras, bater o fado para as ruínas do Coliseu! Depois, por *blague*, sustenta com o Chagas que ninguém devia ter mais de duzentos e cinquenta gramas de princípios.

MARÇO DE 1904

Encontrei hoje o Marcelino Mesquita: ventas largas, marcas de bexigas, barba com muitas brancas aparada rente, chapéu desabado, capinha curta e olho vivo. Tipo crestado do sol, materialista e seco.

— A gente quando chega a certa idade tem de se isolar para não viver numa perpétua irritação. Olhem agora se eu encontrava o Pequito ministro, o Pequito de quem a gente fazia troça em rapaz! E muitos outros, que aos quarenta anos começam a desafinar-nos os nervos... Vivo no Cartaxo, num descampado: a quinta fica entre duas estradas. Não passa lá ninguém... Leio, fumo e trabalho. Tinha um moinho; primeiro acrescentei-lhe uma cozinha, depois um quarto: agora tenho lá uma casa. E já não posso viver sem o ruído das mós. O meu quarto fica mesmo por cima. Daqui a oito dias, com as macieiras em flor, aquilo é adorável...

ABRIL DE 1903

Vi o Mariano nas câmaras. É um cadáver, com uma sobrecasaca riquíssima de gola de veludo. Nunca fisionomia exprimiu maior cansaço, indiferença ou desprezo, a pálpebra caída, o olhar vazio de expressão. — Que me importa! Que me importa!... — Parece um morto, farto de sofrimento e de gozo, e, sob aquela aparência de cético, raros se magoam como ele. Toda a vida tem sido ludibriado. Contam que a mulher passa horas a descompo-lo. Ele, sentado, escreve tiras e tiras de papel, a tarefa do jornal, sem dizer palavra nem levantar a cabeça. Duma vez chamou-lhe tudo quanto lhe veio à boca, e ele inalterável, curvado sobre os linguadões, sem lhe dizer palavra... Por fim ela, desesperada, berrou-lhe:

— És um estúpido!

Ele então parou, ergueu a cabeça, e muito calmo:

— Têm-me chamado tudo, mas estúpido é a primeira vez!

E continuou a escrever.

Por fora uma aparência de cético, por dentro uma sensibilidade enorme. Anda sempre metido em complicações e negócios, em caminhos de ferro, em pedaços de África, baía de Lobito, etc., e afinal não passa dum sonhador que tem as propriedades de Azeitão hipotecadas em catorze contos de réis.

SETEMBRO DE 1903

O António José de Freitas, homem de letras medíocre, é um conversador admirável. Se conseguisse escrever como fala e desse à prosa aquela vida que dá à palavra, seria um grande escritor. Pequeno, branco, na ponta dos pés, sempre a segurar as lunetas, todo ele nervos:

— Dei-me muito com o Castelo-Melhor. Um dia começou a imaginar que estava pobre, porque no Banco de Portugal lhe não quiseram, como sempre se fez, descontar uma letra só com o nome dele. Disse ao Barros Gomes: — Vai beber da merda! — E saiu furioso. Daí começou a imaginar que tinha caído na pobreza e alugou o jardim para o circo Whytoine. Uma vez saí com ele dum baile pela madrugada e acompanhei-o a casa. — Sobe. — Tenho ainda que escrever para o Brasil... — Insistiu, subi — e ei-lo a clamar no quarto: — Que diriam meus avós se vissem ali o circo e os palhaços!... Estava desesperado. Descompu-lo.

Passaram-se anos e morreu de repente. Vestimo-lo naquele mesmo quarto, e, altas horas da noite, ouvimos, de repente, um clamor: era o circo Whytoine que ardia. E eu assisti ao espetáculo do cadáver, iluminado pelo clarão do incêndio, ali onde o ouvira evocar com desespero os seus mortos. Foi tudo ao enterro. O povo abria alas, e quando chegámos ao cemitério e quisemos pegar no caixão, veio de roldão uma chusma de cocheiros e vadios, que no-lo arrancaram das mãos, e, erguendo-o no alto dos braços, levaram-no até à cova...